

Pedro Henrique Barreto de Lima

O casamento do Mundo e Babilônia, a Grande

1ª edição

Belo Horizonte

Edição do autor

2019

D353 de Lima, Pedro Henrique Barreto, 1987 -
O casamento do mundo e Babilônia, a grande - 1. ed. -
Belo Horizonte, Edição Independente, 2019.

40 p.; 27 cm.

ISBN: 978-65-81613-00-6

1. De como o dogma não é considerado uma gratificação da
alma.

I. Título

CDD: 200

CDU: 11

Prefácio

É uma característica de ao menos algumas épocas precedendo grande desastre, senão todas, que as pessoas, em particular opinadores públicos, abram mão da discrição, dos escrúpulos e da consistência (uma trindade que é usualmente descrita como a "consciência"). O testemunho (quijá pressentido) de algo que é perturbador e trágico, então, é acomodado por uma espécie de prévia embriaguez; moral ou literal, a qual se afigura uma força cumulativa rumo a um infeliz fim. Ademais, essa cumulação bem compreende certo mecanismo pelo qual a embriaguez de ontem parece a sobriedade de hoje, tornando a intemperança alcoólica um ersatz de moderação relativa.

As bodas, entretanto, significam alegria. E se eu não puder tomar o meu quinhão de alegria com as bodas de dois tão ilustres noivos (como saber, hoje, qual é mais ilustre?), eu não terei aprendido nada.

Essa alegria consiste na dispersão de uma explicação (toda alegria é dispersão), mas não uma carregada de uma autoindulgência inepta; e se tal dispersão estiver fadada a se apartar do equilíbrio nicomacheano (relativo à Ética a Nicômaco) e da raiz do que ora é examinado; não vai ser porque careceu de uma concentração prévia (e não um sucedâneo ilegítimo dela), nem vai ser por carecer do amparo (em apreender o que está em jogo) do haver testemunhado em primeira mão um monstro figurativo verdadeiramente entristecedor e horrível; cuja face maligna continuamente ofende e pretende perturbar a inteligência, cuja indignidade emudece e desnorteia o discurso humano porque uma vez inserido no discurso humano ofenderia a dignidade desse próprio discurso. O mal, tanto aquele perpetrado, quanto aquele visto de fora, usa da própria sujeira para calar os seus inimigos. A tirania não é outra coisa que a promoção desse silêncio; da linguagem indireta e dissimulada a tal silêncio associada; da atmosfera de confusão e medo tornada banal para que o "imperador" não seja declarado nu por alguma alma mais ou menos advertida.

Eu sinto que a minha língua foi cortada. Em todo caso, toda respeitabilidade usual me foi tirada no referir tais assuntos, tendo como causa formal a sua natureza.

O ser capaz de adequar-se discursivamente é um bem de valor ambíguo. A magnanimidade (com a franqueza e unilateralidade que supõe) sugere que as pessoas confiam exageradamente nesse bem; e de outro lado alguns autores bem influentes muito insistiram em que a discricção máxima, e mesmo a invisibilidade (não raro assinalada pela magnanimidade como um se esconder à plena vista), constituem a etapa (paradoxal quanto seja) mais essencial à plena realização desse bem.

Se houver chegado a hora de falar, apesar de a língua me ter sido cortada, e o pesar do semblante me tiver pejado, algum milagre me há de dar voz durante as bodas; e ânimo; e eu direi tudo a respeito dessa união que o vinho julgar oportuno sem ofender a minha honra. ¹ Se não houver chegado a hora, ainda que eu pareça gesticular, eu não terei dito nada. Perderei solitário o quinhão de uma alegria que é repartida de modo tão generoso e tão vastamente.

O Noivo

Capítulo I - De como o dogma não é considerado uma gratificação da alma

O dogma é geralmente associado, com razão, àquilo que, não podendo ser demonstrado, sobretudo em um sentido usual; exige adesão irrestrita à sua formulação consagrada. Não é necessário saber do que se trata, em

¹ O presente estudo é uma exposição metafísica e filosofia da história. Associá-lo a preconceitos (em vez de evidências); significa enxergá-lo como falho.

certo sentido, desde que se esteja impregnado do conteúdo, e professando-o.

Quanto a isso não há controvérsia significativa. Esta começa, ao menos em um sentido subjacente ou confuso, quando o ponto de vista verdadeiramente tradicionalista toma como premissa a ideia de que o dogma é uma gratificação da alma, e que ignorar o seu conteúdo supõe uma condição infernal, não importa o quanto o conteúdo seja estereotipicamente apartado de ares de preceito moral ou verdade palpável.

Por exemplo, se alguém disser que os "ortodoxos" do oriente, que negam o filioque (a tese de que o Espírito Santo, das três pessoas divinas, procede tanto do Pai quanto do Filho, não só do Pai); estão, por causa dessa negação, necessariamente em uma condição degenerada e deplorável, do ponto de vista das chances de salvação da alma; significando que estão apartados da salvação; se alguém disser isso o partido do noivo provavelmente vai se irritar. Eu não diria que algum amigo ou pessoa próxima do noivo vai necessariamente sentir o impulso de enfiar a mão na cara de quem tiver proposto isso contra os ortodoxos, senão talvez como hipérbole arriscada (conquanto alusiva de algo familiar); mas sem dúvida a tese proposta não vai soar como o cup of tea que pode ser facilmente discutido de modo descoberto e direto.

De onde veio essa reserva? Eis uma pergunta que igualmente não compõe o rol de coisas que é verossímil se pode discutir muito às claras; a despeito de essa tese rejeitada por ortodoxos ter sido (conforme certos opinadores ortodoxos admitem) um dos detalhes a respeito dos quais o Credo de Santo Atanásio afirmou "É preciso pensar assim para ser salvo".

Sendo o conteúdo dogmático, quando menos em um sentido geral e vago, algo para os amigos do noivo apartado da ideia de uma gratificação em si mesma; parecerá um absurdo e o efeito de uma

enigmática futilidade, que alguém pretenda que seja muito importante se desculpar publicamente por se ter promovido teses teológicas errôneas; ou parecerá absurdo que alguém pretenda que retificar mal-entendidos teológicos avidamente seja adequado. Um amigo do noivo, por exemplo, há não muitos dias, afirmou em um vídeo tornado público, e visto por muitos milhares de entusiastas, que São Pedro Apóstolo já era papa quando negou Jesus três vezes. Isso é uma heresia (como o texto do Concílio Vaticano I e certo exame exegético, que não cabe aqui, tornam suficientemente seguro), embora não seja herege (formal ou literal) quem quer que professe isso sem advertência. Escusado dizer que a impressão imediata provável da parte do partido do noivo, uma vez constatado que de fato é errônea e herética a tese há pouco mencionada, será a de que isso tem pouca, ou nenhuma, importância.

Que o alardear essa impressão (de que a correção é pouco importante), com certa indignação, tenha o efeito previsível de suscitar aplausos entusiásticos entre os do partido do noivo; isto é, que quando muito tenha esse efeito (explorando ao máximo a generosidade de que se é ordinariamente capaz entre os tais); deveria servir de prêmio de consolação, visto que a alternativa a isso usualmente é oferecer as costas e partir entretido com algo aparentemente mais substancial.

Não se trata aqui de diretamente demonstrar que o dogma é uma gratificação da alma, e o é por excelência; a própria natureza do dogma expressando a dificuldade de realizar uma tal pretensão imediatamente; mas que ele não é considerado tal, é algo que pretendo ter feito um esforço significativo para demonstrar. Eu não descarto a possibilidade de falhar mesmo nisso, de outro lado; e por isso, resta apenas o apelo na esfera das emoções a que o leitor irritado tenha em mente que certa frieza e quietude apartada temporalmente da impressão de uma agressão, pode significar a diferença entre boicotar e liberar a razão.

Nós estamos em uma boda, afinal! Sossega um pouco, abre um bordeaux, vai às ninfas sorridentes dizer um gracejo entre risqué e

inofensivo; propõe um brinde aos músicos presentes. Os brindes estão em desuso, já tem um século pelo menos, mas tem muita coisa que perdura de modo furtivo neste mundo, e talvez um dos segredos da vida seja a capacidade de o enxergar.

Capítulo II - O dogma e a etiqueta

Uma das coisas menos respeitáveis do mundo é propor o estudo da ciência da respeitabilidade, que atende pelo nome de etiqueta. O motivo é muito natural, por mais estranho que pareça à primeira vista, e tem de algum modo a ver com a noção cunhada por Ninon de l'Enclos a respeito de ser irritante e suspeito para uma mulher receber de alguém, explicitamente, a declaração do próprio afeto; em vez de se a receber por gestos. A respeitabilidade, similarmente, se ensina e expressa por exemplo, e mudamente.

Os preceitos de etiqueta, tomados não no sentido de algum uso que depende de tempo lugar, e que pode se associar a um provincianismo pejorativo; são, superada a impressão de irritação e suspeita inicial, precisamente os gestos mudos que servem de exemplo. Por que eles funcionam, é algo bem menos acessível do que a realidade a respeito de funcionarem de fato. Tomando um exemplo: é um preceito de etiqueta que um turista elogie a beleza das mulheres locais irreservadamente. Isso provavelmente tem algo a ver com desarmar interlocutores sinalizando de modo relativamente inofensivo e verossímil a própria inclinação para se misturar entre os nativos, em vez tomá-los como inferiores; o que, aliás, é bem mais fácil, rápido e aparentemente autêntico do que protestar em favor do próprio universalismo cultural amistoso. Entretanto, a razão de esse preceito funcionar não pode se reduzir a isso. Como em todo preceito concreto ou "simbolismo aplicado", o que é condensado dificilmente pode ser exaustivamente analisado.

A etiqueta, assim, não pode deixar de coincidir com certa gratificação da alma; o que pode ser claramente visto em que a adequação a interlocutores é necessariamente conversível com uma gratificação da alma. Se o leitor quiser uma fórmula mais palpável: conseguir se expressar é gostoso. Entretanto, é preciso pagar um preço por essa graça, e os conhecimento e aplicação da etiqueta são precisamente esse preço.

Seria inexato estabelecer uma analogia entre a etiqueta e o dogma, porque, por exemplo, o segundo dos Dez Mandamentos ("Não usar o nome de Deus em vão") é, de um modo destacado, um visível preceito de etiqueta; a saber, é um uso que serve de amparo e princípio à convivência. Na verdade, em particular tomando como fundamento retórico que o autor de um manual notável de etiqueta, Dunbar, tenha estabelecido uma inequívoca identidade entre etiqueta e religião; é possível concluir "sem medo de ser feliz" (para usar com despeito uma expressão vulgar) que o dogma sagrado e a etiqueta são exatamente a mesma coisa, vista desde dois pontos de vista um tanto diferentes.

Ora, o noivo, eu receio, não apenas jamais deu ao tema da etiqueta considerável atenção, mas é uma sua característica sugerir que seja um estudo sem interesse. Isso é dito apesar de ser perfeitamente verdade que o noivo entende disso e transmitiu algo a respeito; só não o bastante. A humildade é mundana demais para este mundo, e sucede que a etiqueta também é. É difícil o demonstrar de modo muito direto, mas eu pretendo, não obstante, fazer a demonstração de um modo suficiente.

Um bom exemplo é o do uso de palavrões. O uso deles é considerado adequado pelo noivo e seu partido; e não é a minha intenção objetar a essa tese. Eu objeto ao fato de essa tese nunca ter dado lugar, no meio do partido do noivo, a uma discussão comparativamente esotérica e rica em detalhes a respeito de como a aplicar. Por exemplo, o meio social dos artistas da sedução desenvolveu a seguinte técnica para lidar com uma situação na qual se é interrompido (quando se dirigindo a um grupo): contar uma história separada em camadas, uma história dentro da outra,

como em *As Mil e Uma Noites*. Se alguém interrompe, você não retoma a mesma história, porque isso destacaria a sua vulnerabilidade e dependência, em vez disso você pula para outra história que se encaixa de algum modo na história inicial. É algo simples, mas é precisamente uma aplicação da etiqueta. Eles até mesmo desenvolveram técnicas diferentes para que a interrupção seja externa ou interna ao grupo etc.

Essa alusão a artistas da sedução talvez vá irritar alguns amigos do noivo (cuja adesão à vulgaridade é não raro estranhamente alternada por uma quebradiça e esnobe suscetibilidade), mas se pode alegar duas coisas a esse respeito. Em primeiro lugar, que a biografia do Rei São Luiz IX por Jean de Joinville mostra que o rei dava importância a esses detalhes sobre adequação discursiva; de modo muito parecido, e certamente muito mais grave. Em segundo lugar; que o interesse em tais "técnicas de sociologia aplicada", que são um aspecto da etiqueta, seja associável hoje a grupos cujo interesse é bem mais mesquinho do que os da nobreza tradicional, é um sinal antes de uma degeneração a respeito de tais preceitos, do que da sua absurdidade intrínseca.

Voltando aos palavrões: que o uso deles não tenha sido objeto de qualquer discussão clara relativa a uma técnica de sociologia aplicada, mas seja promovido de modo vago e dir-se-ia desde uma muda indução que não responde por nenhum inquirir, é precisamente o efeito de uma abandono degenerativo do ideal da etiqueta. Esse abandono usa precisamente a expectativa da ênfase em que tais usos dependem muito de tempo e lugar, ou circunstância; para se escusar de dar ao uso qualquer fórmula clara.

É possível achar muitos pontos de contato entre a etiqueta e o uso de palavrões. Por exemplo, a linguagem "cruel" ou ousada deve ser endereçada precisamente a pessoas que parecem ter alguma superioridade impactante, como beleza ou riqueza, para que essas pessoas sejam desarmadas e não sintam a pressão de que alguém as valoriza excessivamente. Disso decorre que, se é adequado usar

palavrões, eles têm de ser endereçados de modo mais ou menos ousado conforme o seu alvo pareça ter mais ou menos vantagem discursiva. Isso cria uma série de problemas, de vez que quem tem alguma vantagem discursiva se associa de algum modo ao caráter de uma autoridade, e as autoridades são aquelas às quais mais se deve respeito e se abster de agredir. Por outro lado, o palavrão é não raro associado à ideia de agressão.

Não são necessárias muito mais observações para perceber o ponto, ao menos para fazer ver que o assunto é mais delicado e incerto do que muitos supõem; e que do fato de que alguém use de palavrões, não segue que seja inequívoco que possa alegar a adequação das próprias ações.

Não surpreende em uma atmosfera apartada dessas sutilezas, portanto, que ao se protestar contra a ignorância do noivo a respeito do Segundo Mandamento (que implica a proibição de usar o nome de Deus ou de coisas sagradas como mero expletivo), alguém dentre os do partido do noivo se possa irritar; porque seria necessário entender a natureza da etiqueta para entender a natureza desse mandamento.

O Mandamento não significa que todo clamor em associação ao nome de Deus é pecado. O tomar esse nome como mero expletivo, em associação à surpresa, é uma transgressão. Tomar como expletivo significa tomar o vocábulo apartado do seu conteúdo semântico, ou fazendo o termo associado ao vocábulo, largamente, algo acidental ao vocábulo. Essa é uma transgressão bastante corriqueira, que não só o Catecismo de Baltimore Nº 3, mas o Frei Luiz de Granada e o Catecismo de Trento, entre outras fontes, claramente condenaram.

A rudeza em rejeitar essa noção; faz do partido do noivo um partido rixoso.² Isso significa a premissa de que o dogma não é uma fonte de

² A Sra. Cardenas, inquilina pobre e idosa que criminosos querem expulsar de um desolado conjunto habitacional (Netflix, "O Demolidor"); é uma figura para a

gratificação da alma, tampouco a discussão do que é propriamente relativo à etiqueta, oportuna; em particular tomando como critério a aversão a ser minucioso em discutir tais assuntos.

Existe alguma dúvida, pois, de que o partido do noivo não dá importância, senão em um sentido degenerado, à etiqueta, ou a regras de respeitabilidade e sua inteligibilidade? E que tampouco pode tomar esse conhecimento como amparo na compreensão do dogma? Em verdade, independente da resposta a isso, todo raciocinar a respeito foi comprometido momentaneamente por essa animosidade, a qual bagunça o raciocínio geral.

Não se surpreenda o leitor que o conflito se ache em bodas, como em toda festa. Que tenha sido logo no início mostra que algum hostil conviva não sabe beber.

Capítulo III - A bifurcação do dogma

Não sendo considerado nem uma gratificação da alma, nem algo de cuja profissão depende a respeitabilidade (e assim a própria sociedade); o dogma perdeu o seu caráter.

Não espanta, portanto, que tenha adquirido um caráter não mais unívoco, e sim dual. Como a árvore da vida, na sua univocidade, foi substituída pela árvore com o fruto do conhecimento do bem e do mal.

Essa dualidade consiste nos polos do "mundo como ideia" (o dogma como mera ocasião para um auto-engano), e do "mundo como rapto" (o

queda do prestígio cristão. Não há mais lugar para pessoas como ela, cuja susceptibilidade ao se usar o nome de coisas sagradas como expletivo é indicada de modo semiexplícito; tomando ocasião da envergonhada transgressão da sua aliada, a secretária Ms. Page. O estado de coisas exige a admissão da invisibilidade do que fora preeminente.

dogma como mera ocasião para um vago pressentir, um vago estar imerso em um mistério). Só é possível estar embriagado de arrogância ou de humildade.

Essa dualidade guarda correspondência com o simbolismo da lua e do mar noturno. A lua é um reflexo "frio" da luz solar; como a razão comparada a certa intuição grave da "luz celeste"; a razão, ordinariamente entendida, sendo a periferia ou o reflexo de um centro ou uma emissão direta. O mar noturno também é um objeto reflexivo em relação ao sol, porque o mar guarda uma temperatura máxima, segundo se diz, durante o período noturno; desde a acumulação diurna de luz solar. Se a lua representa a razão e o seu caráter reflexivo, o mar noturno representa o mundo das percepções sensíveis e do sentimento. A lua representa o "mundo como ideia", o mar noturno o "mundo como raptó".

Algumas pessoas se fiam na razão reflexa como se fosse um princípio e algo suficiente ou independente; outros, como o famoso Henri Bergson, corretamente apontando a insuficiência envolvida, propõem o se refugiar na temporalidade e nas impressões sensíveis ou sensações, isto é, no infra-racional, em vez do superracional (a "luz solar").

É um caminho dir-se-ia bergsoniano, aquele que supõe a crítica da observância de preceitos, seja canônicos seja propriamente dogmáticos; sob o pretexto de que a religião é mais profunda do que "um jogo de regrinhas", e "meras exterioridades formais". Não surpreende que os que repetem semelhantes expressões sejam bem-sucedidos em imprimir nos seus interlocutores os sentimentos de aversão e desprezo que têm pela "expressão lunar" da religiosidade; a religiosidade relativa ao "mar noturno" sendo precisamente um imergir em certa atmosfera sentimental. E quão poderosos são os sentimentos é um tema dos mais significativos, e de ampla aplicação, que existe.

Neste caso, por uma infelicidade, o sentimento desses mergulhadores noctívagos é um pouco menos inofensivo do que o sentimento associável a um primaveril chá da tarde, e mais comparável ao tenebroso se desejar apertar uma adaga contra o coração do inimigo; ou o sugerir sem advertência que a pressão da lâmina há de aumentar caso se deseje levantar o dedo para indicar maiores explicações.

Sucedem (para mudar ligeiramente de assunto, e com alguma sorte, de sentimento) que a bifurcação do dogma não é de modo algum um fenómeno que independe de tempo e lugar; ao contrário; tomando como ponto de vista a ciência política, essa bifurcação é a expressão de uma das mais antigas e ordinárias eventualidades: o fenómeno da tirania. Como ensinou Aristóteles, o tirano não governa os seus súditos do modo benéfico ou correto, a saber, pela virtude. Em outras palavras, ele nem governa do modo usual, nem se pode dizer, por isso mesmo, que ele propriamente governe. O seu "governo" consiste precisamente em esconder o próprio carácter ou embriagar os súditos, por meio de um variado leque de meios -- por exemplo, mentiras, diversões, o espalhar espões e ameaças veladas -- a fim de que os súditos não saibam ajuizar ou se atrevam a tanto. Duas características clássicas do governo tirânico correspondem de modo perfeito, casam como uma luva, quando comparadas à bifurcação dogmática: o tirano torna as leis formais supersticiosas ou impraticáveis ("mundo como ideia") e encoraja o abandono da submissão às leis, frequentemente isso significando o encorajamento geral ao menos marginal do hedonismo e da busca de prazeres ("mundo como raptó"). A bipartição das escolas judaicas entre fariseus e saduceus guarda certa correspondência com isso; se tal observação for de alguma ajuda.

É significativo que o rei legítimo ou o governante legítimo, oposto ao tirano e à sua dualidade, seja precisamente associável a um simbolismo solar (a coroa é um simbolismo solar); significando que o seu governo restaura a unidade de que a oposição entre lua e mar noturno é uma degeneração.

"Você quer dizer então que eu devo crer; baseado na disseminação ou império aparente dessa bifurcação; na tese maluca de que o cristianismo (a Igreja Católica) carece de autoridades seculares legítimas, hoje, e foi usurpado por tiranos?"

Excetuada a ideia, pensada à guisa de (nem em pensamento) irritar o tirano do dia; sobre a tese em questão ser "maluca"; a resposta a essa pergunta é uma que eu de bom grado disponibilizaria em uma ocasião menos pública.

A Noiva

Capítulo IV - A ascensão de um pseudo-exoterismo cristão

No filme O Pianista, desde o bem-conhecido contexto dos constrangimentos nazistas sobre os judeus poloneses, a família de Władysław Szpilman é obrigada a esconder o seu dinheiro. Um decreto proibira a judeus manter na própria residência mais de dois mil "zlotys".

"Sabe o que devemos fazer? Usemos psicologia", propõe Henryk, o irmão de Szpilman. "Nós deixamos o dinheiro e o relógio sobre a mesa. E os cobrimos com o jornal. Os alemães vão procurar em toda parte, e eu asseguro que jamais hão de achar."

Isso é o que os americanos chamam "hiding in plain sight", se esconder em plena vista, no local paradoxalmente mais próximo de ser descoberto, porque "ninguém vai suspeitar".

Que um clérigo da Igreja Pós-Vaticano II, como Paulo Ricardo de Azevedo, tenha publicado um vídeo³ ensinando que em parte as pessoas

³ ("Existe Salvação Fora da Igreja?", 7 de agosto de 2013, YouTube)

se salvam sem conhecer e admitir a fé trinitário-romana; não é em si inequívoca manchete. Mas que o tenha feito tomando como sugestão probante que "até Santo Tomás" especulou sobre as chances de salvação de um selvagem geograficamente apartado da Igreja; sem informar que o parecer tomista, que podemos eufemisticamente chamar "prestigioso", é o de que o selvagem não se salva sem explicitamente conhecer a fé⁴; isso guarda um caráter mais significativo, e nos remonta à ideia de "se esconder em plena vista".

Eu não seria tão baixo quanto a sugerir que para esse personagem os que se fiam na posição tomista são tão sinistros quanto os nacional-socialistas. Isso significaria um salto no raciocínio um pouco mais ousado do que um homem ordinário é capaz de arriscar. Aliás, se o salto fosse tão promissor, não provaria nada, porque os da "raça ariana" perderam na modalidade "Salto de Longa Distância" das Olimpíadas de 1936, para um negro americano. O salto longo não prova nem desprova que alguém é nacional-socialista. E por uma correspondência analógica, tampouco prova que alguém pertence a uma comunidade ameaçada.

Com efeito, o próprio Manzoni agudamente notou que há certos ameaçados aparentes que se fazem queixosos, e revelam enternecedora preocupação; quando na verdade são precisamente os que estão oprimindo e afligindo.

Eu proponho passar adiante e mencionar que na esteira do que foi dito, desde a tendência que supõe, se torna mais compreensível por que nem um único opinador público filiado à Igreja Pós-Vaticano II se tenha

⁴ Santo Tomás, De Veritate, Questão 14, Artigo 11, resposta a objeção: "É uma característica da Providência Divina providenciar que todo homem tenha o quanto necessário para a salvação (...) desde que da parte dele não haja algum empecilho. No caso de um homem que procura o bem e evita o mal, por meio da razão natural, Deus iria revelar a ele por inspiração interna o que deve ser crido, ou lhe enviar algum pregador...".

notabilizado por notar que para Santo Tomás a passagem em Romanos 2:14-16 sobre o "gentio que segue a lei natural" não está falando de um suposto não católico que segue a lei natural ignorando, ou não admitindo, o dogma; e sim está falando de um gentio recém-convertido. Santo Tomás até mesmo arriscou o salto de chamar pelagiana (herética) a interpretação hoje usual dessa passagem⁵. Quando se compara isso com o fato de esse ponto de vista tomista ser considerado uma modalidade da heresia jansenista para certo opinador da Associação Cultural Montfort; fica patente que a não admissão dessa tese tomista, como a de muitas outras teses típicas do que há bem pouco tempo na história era o próprio paradigma católico, sugere que há noções que não têm, mais, sequer o direito de existir. Isso dá à expressão "hush hush" um convite para entrar no jargão eclesiástico. Esse, entretanto, como é bem sabido; está longe de ser o polo midiaticamente mais desconcertante do que está acontecendo.

Antes de Francisco, que passa por papa da Igreja; "mudar a vida" de certos homossexuais basicamente ensinando-lhes que estão guardados da repreensão divina⁶; antes mesmo de o Arturo Sosa, Superior Geral do

⁵ Santo Tomás de Aquino, Super Epistolam ad Romanos: "Mas, sobre o que diz o Apóstolo, 'Naturalmente,' pode surgir uma dificuldade. Essa palavra pareceria, com efeito, favorecer os pelagianos, que pretendiam que o homem, por suas forças naturais, podia observar todos os preceitos da Lei. É necessário, pois, entender 'Naturalmente' como da natureza reformada pela graça; porque São Paulo fala dos gentios convertidos à lei, os quais, pelos socorros da graça de Jesus Cristo, tinham começado a observar os preceitos morais." [Documenta Catholica Omnia (website), do francês, pág. 73.]

⁶ A respeitabilidade homossexual, fosse admitida; não desdiria que a fala tranquilizadora de Francisco aos seus interlocutores; torna uma extravagância em Marco Aurélio, que tenha expresso gratidão por não ter provado gratificações sexuais em parte significativa da juventude. Também torna, no conhecido ex-sedutor Neil Strauss, que tenha chamado a si "miserô" no auge do seu sucesso sexual. A gratificação passa, de algo comportando perigos e preços morais, a fenômeno inconsequente; simultaneamente tido como "importante".

que hoje passa pela Ordem Jesuíta, declarar que o demônio é uma mera "figura simbólica"; Bento XVI já havia tomado parte nesse circo, entre outros, ao considerar "não iluminada" a noção, promovida em certo concílio infalível etc., sobre os filhos dos fiéis mortos sem batismo não serem salvos^{7, 8}.

Que o que está acontecendo seja descrito como um "circo" é mais um eufemismo generoso do que o oposto; tomando como exemplo destacado o concerto lúdico de rock, com motifs sacrílegos, promovido pelo "Cardeal" Schönborn em uma catedral vienense; e tomando, na verdade, uma porção considerável das cerimônias públicas pós-conciliares ordinárias.

O assunto pode ser, e na verdade já foi, esmiuçado; e tal por mais de uma corrente de opinião⁹. Quem queira ver o multifacetado resto por trás dessas alusões esteja à vontade, se tiver resistência. Cabe aqui tão-somente fazer uma inferência sintética: se vive em uma época que o

⁷ Joseph Ratzinger, *God and the World* (Ignatius Press, 2002), pág. 401, do inglês: "(...) mas a questão sobre crianças que não puderam ser batizadas porque foram abortadas nos impõe aquilo [ensino do Concílio Vaticano II] de modo ainda mais urgente. Épocas anteriores formularam um ensinamento que me parece não iluminado [a respeito]."

⁸ Papa Martinho V, Concílio de Constança, Sessão 15, ano 1415, os artigos de John Wyclif – número 6: "É tolo e presunçoso dizer que os filhos dos fiéis mortos sem batismo sacramental não serão salvos." – PROPOSIÇÃO CONDENADA. Documento da Comissão Teológica Internacional, aprovado por Bento XVI (20 de abril de 2007, "A Esperança de Salvação Para Crianças Que Morrem sem Ser Batizadas"), se opõe ao limbo das crianças mortas sem batismo.

⁹ Lucifer's Lodge (Kennedy, William H.; Sophia Perennis, 2004); Radio Program, 4 de maio de 2007, irmãos Dimond, vaticancatholic.com; *The Rite of Sodomy* (Engel, Randy; New Engel Publishing, 2006).

simbolismo tradicional denomina um "solstício de verão"; ¹⁰ quando o conteúdo central ou "solar" da intuição espiritual foi exaurido; não pela ausência de luz solar, mas pelo fato de a aproximação solar máxima ter achado seu termo; restando agora apenas o retroceder e se afastar do sol em relação ao hemisfério -- deixando uma irradiação superficial. O solstício de inverno, naturalmente, é o oposto do solstício de verão; o primeiro significa a aproximação contínua do sol, ainda que desde uma modalidade comparativamente sutil. Isso significa que se os catequistas do séc. II, como São Justino, entendiam da revelação cristã em relativo anonimato; hoje a mídia e o estamento secular, imunes a pretensões metafísicas, aceitam que o calendário vigente se chame "Calendário Gregoriano" -- em reminiscência de um papa chamado Gregório.

A compreensão esotérica (isto é, profunda e concentrada) dá lugar à dispersão exotérica, a saber, à difusão comparativamente maior entre aqueles que não têm a mesma capacidade de absorção em profundidade dos primeiros "familiarizados médios". Essa dispersão ou "exoterização", purificadora do mundo secular, ocorreu de um modo especial sobretudo na geração do Papa Silvestre (séc. IV), o cristianismo com isso impedindo o mundo antigo de entrar em colapso.

Que o acirramento dessa dispersão tenha atingido um semelhante ponto de colapso -- desde certo ponto de vista -- não é difícil de enxergar. ¹¹

¹⁰ O estudo desse e outros simbolismos tradicionais, entre eles alguns dos que serão examinados no presente trabalho, se encontra no livro *Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada* (Irget, 2019).

¹¹ Um dos sinais desse colapso visível é que o modernista "direito à mudança", na admissão do dogma, seja por um número considerável de pessoas considerado normal e insuspeito; ao passo que as qualidades contrárias a isso sejam atribuídas ao dogma. É também digno de nota que os apoiadores do "direito à mudança" tenham a previsível impressão em relação aos preceitos de etiqueta, de que sobretudo dependem de tempo e lugar, e se associam a certo provincianismo mais ou menos pejorativo.

Um sinal desse colapso, entre outros, é que a interpretação para certos desvios teológicos suponha o notar algum tipo de inversão.

Por exemplo, o metafísico francês René Guénon censura em certa literatura espírita que as descrições mediúnicas da alegada vida em outros planetas ou dimensões, sejam sempre muito parecidas (de um modo ofensivamente banal) com a vida terrestre que todo mundo conhece. O que está por trás disso é a dificuldade de ir além do que é sensivelmente familiar, de certo modo associável ao domínio da imaginação. O concebível é reduzido ou encolhido para entrar no âmbito do imaginável-sensível. Ora, acaso não é esse mesmo mecanismo apequenante aquele pelo qual a mensagem do Papa Pio IX em *Singulari Quadem*¹²; que traça precisamente uma distinção entre o imaginável e o concebível na aplicação da necessidade da fé; pelo qual a sua mensagem foi reduzida por certos opinadores à mera sugestão de que há algumas exceções à necessidade da fé, ou à necessidade da plena admissão do dogma? Não é isso precisamente uma inversão do sentido da mensagem papal, especialmente se os que compreendem a distinção envolvida são de certo modo acusados de não ser capazes de conceber certas coisas?

Nesse sentido se torna necessário admitir que a geral apostasia e abandono de certas noções ordinárias, e exigidas de todo catecúmeno na Igreja primitiva, tais apostasia e abandono se tornaram indiscutíveis em associação a certas dificuldades cognitivas bem elementares; em aparência, dificuldades vagamente cumuladas até adquirir a força e o acirramento de uma bola de neve.

¹² Para um exame da desencaminhadora interpretação ordinária feita da alocução *Quanto Conficiamur Moerore*, também de Pio IX e sobre esse mesmo assunto, ver “*Outside the Catholic Church There Is Absolutely No Salvation*” (Dimond; Peter. *Most Holy Family Monastery*; 2ª edição, 2006), nº 16 (Major Objections, pag. 110 a 114).

Capítulo V - O filioque como ilustração do esoterismo cristão

Para argumentar em favor da ideia de que o cristianismo foi, no passado, sobretudo um esoterismo, isto é, uma escola transmissora em profundidade de conhecimentos que são largamente inacessíveis; não é preciso de mais do que um exemplo, não obstante intrincado.

É uma ideia considerada extravagante pela maioria, que haja algo mais que um inconsequente interesse acadêmico por trás da admissão ou não do filioque; a noção de que o Espírito Santo procede também do Filho, não só do Pai. A posição da maioria aqui entendida, entretanto, como é notório, de modo nenhum corresponde à opinião dos padres reunidos no Concílio de Florença (séc. XV), para dar um exemplo. A opinião da maioria atual é apenas um desenvolvimento moderno. Entretanto, tomada a correta noção de um esoterismo cristão primitivo, a importância da admissão do filioque pode se tornar patente.

Uma epístola do Novo Testamento, 1 João 5:5-8, traça um paralelismo entre as "três testemunhas celestes" e as "três testemunhas terrestres"; isto é, para me apressar na exposição, entre as três Pessoas Divinas e três noções que a tradição oriental chama "a grande tríade", a saber, domínio sensível ("sangue"), domínio psíquico ("água") e domínio suprassensível ("espírito"). O termo no grego do Textus Receptus para "testemunha" é o mesmo que dá origem a "mártir" e "martírio", noções que estão associadas à purificação espiritual, e portanto a certa ebulição filosófica ou transmissão de um conhecimento. As seis testemunhas em questão são princípios ou causas da iniciação.

Os batistérios (pias batismais) da Igreja Primitiva, como os modernos, possuíam a forma octogonal (oito lados) para significar uma intermediação entre a circunferência (domínio suprassensível e "espírito") e o quadrado (domínio sensível e "sangue"); porque a forma octogonal (domínio psíquico e "água") é a mais primária aproximação entre as duas formas, sendo oito a multiplicação de quatro por dois. Esse

simbolismo geométrico significa que o plano psíquico (a "água") é uma intermediação entre o plano sensível e o plano suprassensível. Se vê que essa é a intenção do sacramento do batismo porque certos sacramentários (manuais sobre os sacramentos) recomendam que o padre abençoe a água preparada para o batismo marcando-a com a letra grega «psi» (Ψ – ψ), que é um radical da palavra "mente" em grego, donde vêm palavras como "psique" e "psicologia". Que a circunferência signifique o "espírito" (palavra que significa "sopro", o sutil e invisível), enquanto o quadrado significa o "sangue" ou o domínio sensível e relativo à composição, requer certa explicação; a qual aqui só pode ser sugerida de um modo sintético, para não comprometer o curso narrativo. O leitor fará melhor uso do que segue, embora não seja absolutamente necessário tal para a compreensão, da leitura das Orações XXVIII e XXIX de São Gregório Nazianzeno (sobre a controvérsia trinitário-ariana).

A circunferência significa o princípio da unidade ou centro, e por isso uma concentração do ser imune a transformações e alterações, as quais são representadas pela circunferência em torno do ponto central, tomado como inamovível. O quadrado significa a preeminência relativa do que é mais palpável e menos sutil (os lados do quadrado comparados com a forma curva da circunferência); e também menos alusivo da dissipação da multiplicidade na unidade.

O texto de 1 João 5:8 diz que essas três testemunhas terrestres, "espírito", "água" e "sangue", nessa ordem, "são um". Ora, se vê que essas testemunhas guardam uma correspondência, assinalada pelo texto, com as Pessoas Divinas. O Filho e o Espírito Santo, que Agostinho associa aos dois anjos enviados a Sodoma em Gênesis, são os únicos que "se diz que são enviados". O Filho, nos evangelhos, é enviado antes do Espírito Santo, embora essa convenção não desdiga o princípio de toda ação divina sobre as criaturas ter a tripla autoria das Pessoas. O Filho representa uma modalidade comparativamente mais concentrada de envio ou atuação; o Espírito Santo, por exemplo na passagem em Pentecostes, uma modalidade comparativamente mais dispersiva, a

distribuição ou repartição de dons. Isso guarda correspondência com "o grão de trigo que deve morrer" (concentração e Filho) para "dar fruto" (dispersão e Espírito Santo) [João 12:24-25]. Ora, isso permite ver que o Filho e o Espírito Santo correspondem precisamente à "água" e ao "sangue" (embora não coincidam com estes dois últimos). A água, o plano psíquico que como propriedade (e não acidente) se carrega tanto de elementos sensíveis e quanto de elementos suprassensíveis, é maximamente expressa pelo sacramento do batismo; e no sacramento, sinal visível de graça invisível, se trata precisamente de concentrar e "revelar" o que permanece latente (mas real) no plano sensível; por exemplo, o "centro" ou concentração latente em elementos tão díspares quanto a água, os sons produzidos pelo discurso humano etc.

Essa dualidade também corresponde à convenção pela qual o Filho é associado à sabedoria, o Espírito Santo à caridade; embora todas as Pessoas sejam perfeitamente iguais. Ora, a sabedoria, mesmo etimologicamente, é associada à ideia de sentença judicial, significa precisamente uma forma sintética ou concentrada de conhecimento. A caridade, de outro lado, se expressa sobretudo por insinuações ou "gestos mudos" (uma noção bem conhecida entre estudiosos da sedução), uma modalidade sobretudo dispersiva, sensível e comparativamente latente de conhecimento disponibilizado; a insinuação de algo significando uma concentração mais virtual do que levada a cabo. O paralelismo entre as seis testemunhas, celestes e terrestres, significa que essa tríade terrestre é uma espécie de projeção contingente de certa relação eterna da Trindade Celeste. E como o plano psíquico está latentemente presente no domínio sensível, como o grão na espiga crescida, o paralelismo indica de modo suficiente que o Espírito Santo procede do Filho.

Note-se, a título de observação lateral, como essa relação entre concentração e dispersão, "água" e "sangue", guarda correspondência com São Pedro como "apóstolo dos judeus" e São Paulo como "apóstolo dos gentios" (Gálatas 2:8), significando precisamente a unidade de fundo entre os dois e o fato de ambos terem sido associados (de modo

suficientemente direto) à cadeira episcopal de Roma. Se Pedro é o vigário de Cristo, São Paulo corresponde, de modo vicário, ao sopro de Cristo sobre os discípulos (João 20:22).

A negação de tais noções sobre o filioque tem o efeito de negar o caráter que tem a "água" de intermediação entre o "espírito" e o "sangue". E uma vez negado isso, negação que decorre subjacentemente também, por exemplo, da rejeição da necessidade do batismo; todo preceito religioso que se afigura uma promoção de certa infusão psíquica e unidade desde a articulação entre o domínio sensível e o domínio suprassensível -- por exemplo o papado enquanto imagem reflexa, palpável e passageira do Pastor Eterno -- tende a perder o seu efeito propriamente religioso¹³. Os preceitos de etiqueta não são outra coisa que não sinais palpáveis de intuições sutis; e a sua própria separação marginal do caráter de um preceito propriamente religioso é um sinal de certa prévia degeneração.

A própria teologia de Gregório Palamas (séc. XIV), prevalente entre "ortodoxos"; que separa a "energia divina incriada" da "essência divina" inteiramente inacessível e transcendente; parece ser apenas uma separação entre o sensível ou ao menos o próprio da manifestação, e o suprassensível e próprio da intelecção; polos separados pela perda de um campo intermediador. A influência dessa dualidade ("energia acessível" e "essência inacessível"), que é sob certo ponto de vista a mesma resumível na oposição entre "mundo como ideia" e "mundo como rapto"; tem e teve consequências bastante significativas, no domínio palpável -- não que esse domínio seja hierarquicamente mais relevante. Por exemplo, se sabe que o marxismo, uma teoria ou cultura que profundamente influenciou o território russo majoritariamente "ortodoxo", é associável à teoria existencialista; cuja principal característica (para falar de modo simplificado) é favorecer a

¹³ Certos protestantes, não por coincidência, se associam tanto à negação da necessidade do batismo, quanto à negação da intermediação "octogonal" dos santos e suas imagens.

manifestação em detrimento da inteligência, ou, para usar uma expressão guenoniana, a substância em detrimento da essência; o sensível em detrimento de um suprassensível tornado obscuro¹⁴.

Essa especulação, que pode muito bem assumir uma aparência excêntrica, em sentido mais ou menos pejorativo; e tem a desvantagem de se abster de claramente abordar o aspecto histórico da controvérsia em torno do filioque; parece, em todo caso, ser um meio de ilustrar o que poderia corresponder a um esoterismo cristão primitivo. As mais variadas e inesperadas aplicações decorrem dessa especulação.

Por exemplo, é um sinal da perda existencialista da dimensão da essência, em benefício da substância, que as pessoas resistam a reconhecer que um indivíduo amplamente tomado como papa seja apenas um antipapa, por causa do pecado de heresia (uma noção teológica que, afinal, não pode realmente ser apresentada como uma improvisação recente e precária, tendo sido esposada por doutores da Igreja etc.). Nesse caso a resistência é parecida com o tender a inferir que, do fato de que se tem hoje acesso às Pirâmides de Guisa, Egito (que correspondem ao polo da substância), se tem também pleno acesso ao seu propósito e uso iniciais (que correspondem ao polo da essência). E esse tipo de inferência sobre as pirâmides é de fato feita, alguns opinadores julgando-as basicamente simples tumbas. O famoso new ager com certa especialização nesse complexo assunto, Graham Hancock, se esforçou por mostrar que esse tipo de banalização das pirâmides é de um ridículo sem par. Por sinal, a diferença entre uma e outra inferência (pelo

¹⁴ Essa dualidade guarda correspondência com as doutrinas sem caráter de definição infalível (de fide) do “batismo de sangue” e “batismo de desejo” (também chamado “batismo de sopro”); o que sugere as três testemunhas terrestres (1 João 5:8) sem o elemento intermediador (“água”). Cf. “Baptism of Desire' Debate: Catechism of Trent - Council of Florence”, Ir. Peter Dimond, 29 de julho de 2013, YouTube. Também Cf. "Batismo de desejo e secularização" (29/10/2019), Blog Notas Sobre Doutrina Católica.

banal ou algo bem mais profundo); talvez perceba o leitor acordado a despeito de se estar num ponto não particularmente recreativo da festa; corresponde de algum modo à distinção anteriormente mencionada entre o "imaginável" e o concebível.

A tendência existencialista em questão, que pode ser tomada como uma tendência hegemônica; também se aplica à banalização ou pejorativação da aptidão sexual humana, de vez que os pecados sexuais discriminados pela Igreja não são usualmente vistos precisamente como um esvaziamento em detrimento da essência, uma espécie de metafórica profissão de que as pirâmides são apenas tumbas, por um simples ignorar quase tudo a respeito delas.

É um sinal inconfundível da decadência presente que não se perceba que os textos do Concílio Vaticano II, por exemplo a declaração Unitatis Redintegratio; correspondam a essa tendência pejorativo-existencialista; ao ponto de (em Unitatis Redintegratio) mesmo ao falar das seitas "protestantes" maximamente apartadas das noções tradicionais, como o dogma trinitário; se abstenha de mencionar sequer a possibilidade de opor-se a tais grupos, menos ainda os anatematizar; ao arrepio do que caracterizou a Igreja tradicional. Alegar em favor de tais textos que não explicitamente proibem a anatematização desses grupos etc., e que considerá-los pejorativos é "má interpretação de texto", "má fé" ou talvez "precipitação"; é como alegar que do fato de que as Pirâmides de Guisa são visíveis, e o contexto primaveril seu concebível, decorre que não sejam hoje apenas um sombrio e desolado resíduo do que foram outrora¹⁵.

¹⁵ Note-se que esse bastar-se da substância esvaziada, em detrimento da essência que lhe serve de princípio, é todo o argumento de opinadores como Carlos Nougué contra a tese de que o ofício papal se encontra sem ocupante; indo ao ponto de se supor que desde que a "Igreja" permaneça "visível", se deve reconhecer como autoridades destacados promotores da sua ininteligibilidade.

De outro lado, é por meio precisamente dessa tendência existencialista, em exame; que no meio de tradicionalistas católicos (os que não reconhecem as "autoridades vigentes") existe a expectativa marginal de ver na cultura profana apenas uma simples negação da cultura sagrada (o termo "profano" entendido, aqui, no sentido dicionarizado de "leigo", "algo que não supõe iniciação e conhecimento sagrado", e não como insulto). Por esse raciocínio se teria de concluir que a franchise Star Wars é uma simples negação do catolicismo; quando na verdade é uma história velada sobre como os clérigos católicos perderam a preeminência social (o sacerdote sendo, no simbolismo tradicional, alguém contemplativo sempre considerado um nobre ou guerreiro latente); e sobre como, uma vez expulsos os sacerdotes do centro do cenário público, assumiu o leme a secularização (o "império"), correspondendo à tendência existencialista. Até mesmo o nome do vilão Palpatine, o "imperador", é basicamente uma espécie de anagrama para "antipapal" ("entipapal"), aludindo à figura de um antipapa.

Capítulo VI - O que fazer?

O que fazer ante essa decadência religiosa, em relação à qual a tentativa de reforma e "resistência", proposta por certos conservadores relativos, é semelhante ao alegar que a revitalização de um prédio em ruínas "ainda tem jeito"; no momento preciso em que toda uma ala desmorona causando grave acidente?

A resposta pode ser dada desde um número de pontos de vista. Um deles é que não se trata sobretudo de uma oposição típica do mundo secular, ou de disputas políticas. Eu proponho um cenário em que eu consigo que um bilionário me empreste dinheiro para contratar um exército mercenário profissional, e subornar altos funcionários da OTAN e dos governos das superpotências; a fim de que façam vista grossa. Nesse cenário eu posso até conseguir tomar a Cidade do Vaticano de assalto, e forçar Francisco e seus imediatos a renunciar publicamente às suas pretensões como autoridades eclesiásticas. O problema mais

significativo com isso é que todo esnobismo, ou qualidade do que supõe pouco talento e preparação, assume a aparência de coisa positivamente dada; quando no fundo consiste numa mera ausência. O que está havendo no Vaticano tem mais a ver com uma carência ou ausência do que com uma presença. Foi por causa de uma significativa penúria iniciática que as coisas desceram tão baixo; e não há exército profissional algum treinado para combater isso.

Que essa dificuldade seja um nome para a tão conhecida "abominação da desolação", admitida como ameaça pelo Papa Paulo IV (séc. XVI), não deve surpreender ninguém muito. Mais surpreendente é que o que está havendo guarde um paralelismo notável com a história do Mágico de Oz. O "grande e terrível Oz", cuja verdadeira forma ninguém conhecia, um ser misterioso que vivia como rei do importante polo de Emerald City; por causa do seu grande poder; afastava ele ao menos de modo marginal a ameaça das duas bruxas perversas do leste e do oeste (as quais representam a secularização). Entretanto, conforme foi adiante revelado, Oz era apenas um enganador, um ordinário ex-mágico de circo em Nebraska com algum talento para conjurar ludibriadores truques de palco; o qual, já muito idoso, vivia dia e noite com medo de ser descoberto. Bastou aparecer na cidade alguns governantes promissores, não obstante fossem cômicos e inadvertidos noviços políticos, para o velho Oz abandonar o posto e o país para sempre (aliviado com deixar de ser, como era, um prisioneiro da expectativa pública ou do senso público de estabilidade).¹⁶ Contanto que haja algo positivo, isto é, pessoas iniciadas desde concentrada preparação (em contraste com o que está hoje no Vaticano, ou, melhor dizendo, com o que não está); antes mesmo de essas pessoas terem tempo de imaginar algum cenário de atuação política, o Vaticano vai contratar um exército mercenário para rapidamente sequestrá-las e forçá-las a assumir o comando.

¹⁶ Cf. Simbolismo do Mágico de Oz, 12 de maio de 2019, Blog Notas Sobre Doutrina Católica.

Essas pessoas, quem quer que sejam, guardam correspondência com as "duas testemunhas" de Apocalipse 11. Que elas sejam um sacerdote e um rei; ou um indivíduo dedicado à contemplação, o outro à ação; também, conversivelmente, uma mesma pessoa vista sob esse duplo aspecto (o primeiro mais efetivo que o segundo); é suficientemente assinalado pela sua dualidade estar diretamente ligada, na narrativa, à dualidade da "oliveira" e da "lâmpada", o combustível-potencial associável ao óleo de oliva (entender ou contemplar), e o seu consumo (se fazer entender ou agir). As duas testemunhas também são a "mulher vestida do sol" (Apocalipse 12) ameaçada pelo rio vomitado pelo dragão. O feminino é associado à dualidade, por exemplo na tradição pitagórica, porque, entre outros, supõe a ideia de uma inação de superfície, e uma ação (ou conciliação entre inação e ação) subjacente.

Ademais, que as duas testemunhas se associem à "mulher vestida do sol" é suficientemente assinalado pelo seguinte: as testemunhas antagonizam ou se opõem à "Grande Cidade", que coincide com Babilônia, a Grande (a meretriz sentada sobre as "muitas águas", ou sobre a "besta"); e as duas testemunhas guardam certo paralelismo com essa cidade alegórica, porque a cidade tem dois nomes, a saber, "Sodoma" e "Egito". Sodoma alude a uma gratificação existencialista e pejorativamente anônima (um anonimato aludido pelo coletivismo animalesco dos perseguidores de Ló em Sodoma); o Egito (na figura do Faraó de Êxodo) alude a uma temerária e despersonalizadora incredulidade em posição de comando. Sodoma e Egito, assim, guardam correspondência analógica com o sacerdote (gratificação intelectual recebida), e o rei (gratificação intelectual dada reflexamente); sendo os dois primeiros expressões pejorativas dos dois últimos, a penúria contrastada com a abundância. No filme Jumanji esses dois nomes da Grande Cidade são significados pelo uso que faz a personagem Sarah Whittle, de um lado, do ocultismo (uma falsa gratificação, na verdade um materialismo velado), de outro lado, da psicoterapia moderna (que supõe um mórbido ceticismo associado à ideia de autoridade). Essas duas muletas vitais de que ela fazia uso são duas faces da mesma moeda. Uma variação disso se acha

no filme *Os Doze Macacos*; que opõe o lumpemproletariado (por exemplo, bandidos ou cafetões) de um lado, e os psiquiatras do outro; ambos antagonistas do herói da história. Ora, a mulher vestida do sol também guarda um paralelismo com Babilônia, a Grande (que é a própria cidade, com esses dois nomes), ainda que no sentido de uma inversão analógica. As duas se associam de algum modo ao deserto. Mas enquanto uma sofre com as dores do parto, e o carregar um nascituro, também a ameaça da espreita de um inimigo; a outra se queda voluptuosa-luxuosa, carregada pela besta, e na condição embriagada (que sugere o estar apartado de toda ameaça). O filho da mulher vestida do sol é o "rei dos reis", e o rei é associável ao simbolismo solar (a dissipação da multiplicidade na unidade, no centro); enquanto o apoio da estéril Babilônia, a besta associadas às muitas águas, significa multiplicidade. O sol significa um inamovível movente, as águas o ser movido e um mover reflexo.

O que significa esse paralelismo, apontado aqui de modo alusivo, é que as testemunhas (ou a mulher vestida do sol) são o centro ou princípio sutil e paradoxal do seu antagonista (seja a cidade, seja a meretriz sobre a besta que atende por "Babilônia", que são a mesma entidade); as duas testemunhas são o centro motor desde o qual certo desvio inevitável é disparado e cresce com uma aparência enganosa de centralidade; evocando o simbolismo dos dois solstícios, supramencionado. Uma aparência de coisa positivamente dada, que na verdade se afigura uma ausência, sendo significativa, a esse respeito, a expressão sobre a besta, de que "era e não é" (Apocalipse 17:11). A Besta, no seu caráter de autoridade e negação, corresponde ao "Egito"; a mulher, como associável a gratificação ou voluptuosidade, corresponde a "Sodoma". No prenúncio apocalíptico do anticristo em Mateus 24:26, "Se portanto eles disserem a vós: Eis, ele [o Cristo] está no deserto; não vades para fora: Eis, ele está nos aposentos, não creiais.", se trata de que o deserto corresponde à negação ("besta"), os aposentos (que sugerem o ser consumido pelas gratificações próprias de uma psique dividida, a casa sendo um símbolo para psique) correspondem à mulher Babilônia. A

água é um símbolo para o domínio psíquico; e, sendo a besta o equivalente a "muitas águas", essa oposição assinala uma unidade de fundo entre essas duas figuras complementares, besta e mulher. Essa mesma unidade de fundo é significada pela ambiguidade do referir o termo "deserto" na versão bíblica Douay-Rheims de Apocalipse; em que o termo é referido seja pelo vocábulo "desert", significando ausência, seja por "wilderness" ("selva"), que adicionalmente conota a ideia de uma concupiscência bruta.

O período de cerca três anos e meio que as duas testemunhas pregadoras necessitam suportar (Apocalipse 11:3) é um claro paralelismo com a passagem do Antigo Testamento, Daniel 12:7, em que o significativo "homem dual", que fala ao profeta, menciona um similar número de anos de provação desde a "abominação da desolação". Isso significa, pelo contexto, uma interrupção relativa da visibilidade da profissão religiosa pública, ou da visibilidade simultânea das funções de "sacerdote" e "rei", a simultaneidade dessas funções significada pela consecução do interrompido "contínuo sacrifício". Antes de o profeta ouvir o número de dias que totalizam cerca de três anos e meio (duzentos e noventa dias), a provar as pessoas fiéis a Deus, o "homem dual" refere ao profeta "um tempo, e tempos, e metade de um tempo" até certa completude. Esta primeira menção do que parece ser esse número, como associada a "tempos" sem especificação, e apartada de um número tão numeroso de tempos menores especificados como "dias", significa o polo da essência e do sintético, como oposto ao substancial e analítico. Ademais, tanto o primeiro polo (essência) quanto o segundo (substância), ao menos como sugestão, refere metade do número sete; que é associável à ideia de completude (por exemplo, os "sete dias da criação"). Entretanto, "sete" como associado a completude conota em adição a ideia de uma completude subjacente associada a uma incompletude de superfície: O sétimo dia da criação, ocasião para o descanso divino, é na verdade o primeiro dia da criação, porque Deus permanece imóvel (em descanso) desde a eternidade; a sétima cor do arco-íris, o branco, permanece subjacente nas seis demais, porque é o princípio delas etc.

Ao referir um número alusivo da incompletude, "três e meio", o texto profético quer sugerir que ele traz uma completude subjacente à divisão entre intelecção e ação. Isso é precisamente o que acontece com o número "três e meio", porque, por exemplo, se a unidade de cada metade for tomada como a base de contagem, esse número totaliza sete unidades, precisamente como as testemunhas sinalizam uma vulnerabilidade de superfície, e um poderio subjacente. Também, o ligeiramente vago "tempo, e tempos, e metade de um tempo" não especifica quantos tempos, porque não equivale a "tempo, e dois tempos, e metade de um tempo". Significa isso que se alude tanto a três e meio, quanto a sete; significando o polo da essência como portando virtualmente uma sua expressão contingente e subjacente, três e meio.

A imagem inicial do capítulo 4 de Apocalipse, sobre o "trono no céu", guarda um número de simbolismos sutis e, aparentemente, pouco conhecidos. Dela se pode inferir uma correspondência entre o pares "tempo, e tempos, e metade de um tempo" e "três anos e meio", de um lado, com o par "jaspe" e "sardônica" de outro. Aquele sentado no trono, que é sugerido de modo suficiente ser Deus, "era como pedra de jaspe e sardônica". Essa descrição supõe uma "dualidade" no caráter divino, ou associável a Deus, ou ao menos associável à sua manifestação. Como a dualidade mais primária (aparente) na ciência sagrada é aquela entre luz e calor, intelecção e "amor", sacerdócio e realeza (ou nobreza); também as duas pedras semipreciosas devem aludir a esse caráter, conforme será confirmado a seguir.

A pedra de jaspe, ou aquilo assim denominado, foi usada em diversas culturas antigas, por exemplo como adorno ou para servir como selo, geralmente uma pedra polida, e em alguns casos consideravelmente translúcida. Ela pode ser vermelha e marrom, como a sardônica, mas não raro se apresentou como verde, e até amarela. Certa etimologia sua assinala a ideia de "pedra esmaltada", isto é, salpicada de tons. Isso sugere, conforme certa correspondência etimológica pouco indireta, a

ideia de dispersão virtual e "primavera", tal reforçado pelo verde (que sugere juventude). Entretanto, enquanto associável ao vermelho e o marrom, ela guarda uma continuidade, potencial ou latente, com a sardônica.

A sardônica possui uma etimologia, desde uma variação de termo que se usou para a denominar ("Cornélio"), que remonta a "cereja"; uma fruta; que é vermelha e lustrosa por fora, a carrega um caroço marrom por dentro. Ademais, a cereja é associada à ideia de "último elemento a aparecer", "cereja do bolo", atualização do que fora virtual.

Tanto o amarelo, um elemento potencial do jaspe, quanto o marrom, que aparece tanto no jaspe quanto na sardônica, remontam etimologicamente à ideia de "brilhar"; mas o amarelo traz uma conotação mais pura de "dourado", "sol", que é conversível com o simbolismo do centro, e a ideia de univocidade e absoluto; de outro lado o marrom, a despeito de uma conotação parecida, também alude etimologicamente ao termo "urso"; que é o símbolo clássico do nobre (o homem de ação, o homem secular).

Assim, o jaspe guarda latente tudo que está presente na sardônica, mas o contrário não é verdadeiro; de modo que a sardônica é uma espécie de atualização ou efetivação de um potencial, assim como o nobre é um sacerdote que perdeu um tanto do seu recurso virtual. O jaspe é, assim, alusivo do simbolismo do "ovo do mundo", uma variação do simbolismo do centro, enquanto a sardônica assinala, sobretudo de modo comparativo, a ideia de um potencial latente, particular, dentro desse condensado de possibilidades. Ademais, o vermelho associável à sardônica simboliza ação, manifestação, exteriorização. O que São João vê, ao notar simultaneamente o jaspe e a sardônica, é uma mesma forma metafísica, a saber, o centro guardando e concentrando, de modo indistinto, possibilidades distintas. Essa mesma dualidade entre jaspe e sardônica guarda certa correspondência com as duas árvores do paraíso, a "árvore da vida", e a "árvore do conhecimento do bem e do mal"; que

certa iconografia associa ao apocalíptico "livro com sete selos", com isso ao número três e meio, e assim se é devolvido à figura das "duas testemunhas".

Era precisamente a esse ponto que eu desejava chegar desde o início: eu desejava chegar às duas testemunhas como uma expressão do simbolismo do "ovo do mundo"; também, conseqüentemente, à ideia de uma semente; ou mesmo a noção da "Arca de Noé". A tarefa específica das duas testemunhas é guardar ou concentrar, de modo relativamente velado, um conjunto de possibilidades iniciáticas, em meio à dispersão geral degenerativa, o "dilúvio". O "fim do mundo", como é referido por diversas fontes que usam a expressão de forma velada (por exemplo, o seriado *The Umbrella Academy*, ou a franchise de *O Exterminador do Futuro*), significa a interrupção da transmissão de um conhecimento sagrado, e a desolação na esteira disso. Esse papel das testemunhas, a concentração contemplativa máxima com efeitos subjacentes de amplo alcance, é precisamente a resposta à pergunta "O que fazer?"

O que será dito a seguir significa um ponto mais grave da presente narrativa, não por coincidência longamente preparado. É precisamente o ponto a que eu desejava chegar desde o início; embora, sem dúvida, seja o ponto mais duvidosamente adequado. O que segue me parece possuir a aparência de uma "operação crash and burn"; e, fosse apenas uma questão de irritar as pessoas e me pôr a "falhar em grande estilo", seria obviamente preferível manter silêncio. Entretanto, não é inteiramente manifesto que a discussão seguinte se deva apartar em absoluto da arena pública, tendo em vista, por exemplo, a vantagem daqueles indivíduos chamados à contemplação que sentir-se-iam gratos com ter acesso à discussão; nem, de outro lado, é manifesto que a indecência associada a essa discussão (porque todo exame do fenômeno do poder e do seu exercício guarda um coeficiente de indecência) é imune a uma abordagem sintética suficientemente suavizadora.

Se está naquele momento da festa em que nem o cansaço e a embriaguez surtem efeito ao ponto de precipitar em estado de sugestibilidade propriamente hipnótica ou degradante, nem persiste a reserva e apreensibilidade dos ordinários momentos apartados de alguma "plausible deniability". Eis um momento em que não é possível prever bem o que cada interlocutor pode ou não dizer; sendo o tipo de risco, ao menos marginalmente deleitante, que as festas visam por excelência -- como uma gratificação humanizadora. O interlocutor, em tais momentos, já fixou toda atenção em você, e em alguns casos dificilmente se ainda pode sair à francesa para se evitar alguma indecência francesa. Chegou, pois, a hora de dizer em alto e bom som, para quebrar o encanto da sedução aparente: "Eu não falo mais por rodeios, a festa acabou!". E se toda a minha prévia tentativa suavidade não puder me fazer deixar o recinto sem embaraço, aproveitado o silêncio geral em resposta a essa confissão -- a ser seguida de um conseqüente discurso final --; que eu ao menos não tropece desajeitado na saída.

Capítulo VII - O tema da concentração civilizacional

A qualidade que se pode chamar com toda exatidão de "pós-cataclísmica", do mundo contemporâneo, no seu abandono da iniciação; é tal que a verdade e a discussão principal do estado de coisas acontece justamente no local oposto àquele em que a verdade e a discussão principal deveria estar.

A discussão pública está seriamente comprometida. Entretanto, a discussão não pode parar. O que se chama "discussão pública" e "culture war", tem apenas a sua camada mais secundária e comparativamente irrelevante sendo travada no que é convencionalizado como a arena pública.

As discussões sérias estão acontecendo, inesperadamente, e como expressão da inversão da ordem das coisas, sob a forma de innuendo ou insinuação; por exemplo, na esfera do entretenimento popular ou vulgar. A trama de discussões simbólicas travadas em Hollywood é mais

complexa e rica do que os críticos de cinema profissionais conseguem acompanhar, ou são capazes de admitir. Esse fato é uma banalidade tão fácil de observar que deve causar estranheza em toda pessoa que esteja inteirada do que se trata.

Em certo sentido esse fenômeno não é novo, René Guénon referiu, tomando como ocasião a obra de Chrétien des Troyes, que é precisamente isso que acontece em épocas de degeneração que não podem ser revertidas, ou nas quais os meios de reverter a degeneração estão ausentes. Simplesmente se condensa o conhecimento faltante de modo alegórico, e mesmo velado, por meio do folclore, e o pressentimento marginal do valor desse elemento cultural dá à obra cultural uma sobrevida e uma acolhida que de outro modo seria impossível ela ter; para que mais adiante alguém esteja em melhor condição para descompactar o sentido alegórico velado.

A conjuntura civilizacional atual é tal que a verdade não pode ser explicada e explicitada sem incitar hostilidade. Na melhor das hipóteses, incita indiferença ou mesmo uma apatetada reação de ininteligibilidade. Que essa hostilidade parta tanto dos "conservadores" quanto dos esquerdistas é a coisa mais natural do mundo; e tal pode ser facilmente ilustrado com um exemplo:

O humorista Chocolat, um negro que fazia números vulgares e degradantes na França do séc. XIX, não foi bem aceito como ator trágico porque os brancos não estavam preparados para aceitar como normal (nesse ramo) alguém cuja aparência lhes parecia tão exótica. O seu se associar ao humor tornava-o mais inofensivo, e era esse o segredo do seu sucesso profissional espetacular. Quando alguém não é capaz de mirar algo sem escândalo, esse algo precisa ser modificado ou condicionado por uma aparência pejorativa.

Escolher entre dirigir a verdade aos "conservadores" ou à esquerda é como escolher entre entrar na pele de Chocolat, ou de Eminem. É um

beco sem saída, porque só se vai aceitar um endereçamento por meio de um filtro deformante, salvo certas exceções. A discussão política no mundo acadêmico etc., realmente não é o verdadeiro ou principal fórum contemporâneo.

Para usar uma imagem: é como se a humanidade estivesse em um Titanic civilizacional; e um número reduzido de pessoas, apenas, estivesse a par de que em breve o navio haveria de afundar. Tentar explicar isso abertamente produziria escândalo e desordem, que talvez tornassem ainda mais difícil o preparar fuga e salvar vidas. Por isso alguns indivíduos convencionaram transmitir e comunicar os planos em relação à fuga apenas por meios aparentemente mais inofensivos e insuspeitos, por exemplo, os violinistas (entretenimento de massas). As músicas tocadas, os ritmos escolhidos, etc., passam a constituir um código para tornar a circulação de informação mais insuspeita e respeitável. A era do smartphone é na verdade a era do Código Morse.

Que Hollywood (e serviços similares) seja simultaneamente uma indústria do entretenimento, um fator de estabilização cultural nacional e internacional, e um foro extraordinariamente discreto de discussões acadêmicas, parece fortemente sugerir o simbolismo do "ovo do mundo", expresso de modo contingente na forma de uma concentração civilizacional. Essa concentração é tornada mais visível, sob certo ponto de vista, em que as classes intelectuais ordinárias não estejam capacitadas para enxergar essa concentração. Por exemplo, o crítico Roger Ebert, que sem dúvida tem algum prestígio midiático, julgou o filme Lara Croft: Tomb Raider como não fazendo o menor sentido (como a maioria dos outros colegas de profissão dele). Esse exemplo é particularmente significativo porque ele é um dos poucos que elogiou o filme. Quando se vê o filme, e o que foi dito sobre a sua alegada absurdidade, se nota que trata-se apenas de que o simbolismo do filme é demasiado rico em camadas, e denso de sentido, para se afigurar visível. Com efeito, seria necessário ao menos um volume ensaístico (ou dois) para descompactar o seu sentido latente. Por exemplo, o detalhe

narrativo sobre a busca de um "Triângulo de Luz", uma pedra caída do céu que tinha dado origem a uma misteriosa civilização passada. Para quem entende de simbolismo sacro isso não é de modo algum estranho. A "Pedra Negra", na Caaba islâmica, é uma variação do simbolismo da "pedra que caiu do céu", significando alguma expressão terrestre ou sensível de um conhecimento celeste ou suprassensível. Não se trata sequer de algo que pode ser considerado inequivocamente um artigo de fé, mas simplesmente uma linguagem especializada, como aquela pela qual se coloca flores no túmulo de algum ente falecido.

Em adição a isso cabe a significativa observação de que esse movimento, que se pode chamar "discussão hollywoodiana subterrânea", não é realmente uma tendência meramente nacional, por isso mesmo meramente hollywoodiana. Um exemplo europeu de simbolismo cinematográfico está no filme *The Numbers Station* (2013). Um exemplo oriental é o filme *Herói*, dirigido por Zhang Yimou. A prestigiosa publicação ou revista, *The Village Voice*, que ganhou ao todo três Pulitzers, e da qual Ezra Pound fora um colaborador ilustre; publicou uma review dizendo que o filme de Zhang Yimou tinha “uma ideologia de desenho animado”, e podia ser comparado a um filme nazista como *Triumph des Willens* (“O Triunfo da Vontade”), uma espécie de documentário propagandístico cobrindo um congresso do Partido Nazista. Tanto esses críticos, quanto (até onde sei) certos admiradores de Zhang Yimou como a Dra. Wendy Larson (uma orientalista de Berkeley), falharam de modo crucial em compreender o simbolismo de *Herói*; um simbolismo profundo que guarda certa correspondência com o simbolismo evangélico do "testemunho ante o governante" (Mateus 10:18-20), e representa, por exemplo, uma aplicação particular da noção metafísica da Grande Tríade, um assunto menos contingente do que uma ideologia política. A interpretação pejorativa feita do filme é apenas a sua camada de sentido mais externa e irreal; não obstante, de algum modo, "maliciosamente" deliberada.

O cinema moderno não é o único foco de concentração civilizacional, sendo acompanhado pelo meio social dos artistas da sedução, notadamente desde um autor chamado Neil Strauss (conhecido como colaborador da revista Rolling Stones etc.); o qual deu voz ao ponto de vista profano contemporâneo em confronto com certos desafios retóricos, e dá voz à percepção de hiatos civilizacionais, uma percepção significativa acessível dentro do domínio desse tipo de conhecimento.¹⁷ Um autor como Robert Greene, ou o próprio Dunbar (etiqueta), correspondem a esse domínio intelectual, ao menos em parte.

Um terceiro foco de concentração civilizacional é o da filosofia aplicada, personificada pelo Olavo de Carvalho¹⁸. A obra aristotélica, certas tradições, como o texto talmúdico, e a própria obra mais conhecida de Albert Pike (Moral e Dogma); embora todos esses sejam bastante diferentes entre si; correspondem de modo mais ou menos perfeito a esse tipo de conhecimento. A característica desse conhecimento é o abordar de modo especulativo, e analítico; usando recursos como a reconstituição descritivo-fenomenológica e a distinção dos "vários usos de um termo" (expressão de um tradutor de Aristóteles). Enquanto a escola de Robert Greene foge a especulações de teoria política supra-individuais, a escola filosófica em quesito atina perfeitamente com o caráter real maior do que transcende o indivíduo.

A escola perenialista, especializada no simbolismo sacro ou na metafísica, também é um desses focos; e inclusive pode ser, sem dificuldade, um foco visto como o princípio por trás do fenômeno

¹⁷ O caráter parcialmente indecente da literatura do Sr. Strauss torna equívoco que seja essa literatura uma fonte intelectual ordinária; sendo esse um indício dos obstáculos à dissipação dos vários focos de concentração civilizacional em um só foco; assunto que, como será observado, não há circunstância para discutir.

¹⁸ Cf. 'Crítica a "Elementos da filosofia de Olavo de Carvalho (Ronald Robson)"', 21 de agosto de 2019, Blog Notas Sobre Doutrina Católica.

cinematográfico que examinei há pouco; bem como o princípio por trás do presente escrito.

Por fim, há certos famosos religiosos americanos, os irmãos (Michael e Peter) Dimond, monges beneditinos com certa notoriedade desde os anos oitenta, e autores de um movimento intelectual profundo e pouco compreendido (em oposição ao Vaticano moderno). É difícil, se possível de todo, estar à altura de louvar a decência da sua atuação pública combativa, e o caráter purificador da infusão psíquica que disponibilizam; os quais não são de modo nenhum acidentais ao caráter que têm de foco de concentração civilizacional. O valor do material que disponibilizaram, e que parece ser raramente examinado com suficiente atenção, sem dúvida mereceria um estudo especializado.

Por exemplo, no caso do estudo que publicaram na forma de áudio sobre uma tese teológico-canônica chamada "no jurisdiction position" ("ninguém, em meio à crise da Igreja, tem direito à luz do Códex Iuris Canonici, de presumir jurisdição para certas atividades eclesiais"), e no contexto da oposição a um famoso opinador com quem mantiveram contato por algum tempo (chamado Gerry Matatics). Esse pequeno estudo oferece alguns desconcertantes e vantajosos insights sobre os mais variados assuntos; quais história eclesial; Direito Canônico; teoria política; psicologia do governo tirânico; a literatura religiosa contemporânea. Pontos de vista discutidos de algum modo por canonistas bem conhecidos como Francis Sigismund Miasiewicz, pontos de vista que deveriam surgir no debate público geral, mas nunca surgem.

Uma das dificuldades que residem em se descrever a forma da sua atuação, que compreende a familiaridade com as muitas tendências religiosas do ocidente moderno; é que a sua posição discursiva vantajosa é inverossímil e extraordinária demais para ser facilmente crível. Procurar o reforçar com exemplos particulares parece inadequado, e na

verdade impossível; por exemplo, por requerer qualificações em número excessivo.

Eles representam uma expressão do exoterismo¹⁹ cristão marcada pela abordagem sintética e apologética, como oposta a analítica e especulativa. Entretanto, se trata antes de servir o público com o de que mais carece. A aparência de especialização que guardam é apenas uma fachada, estando perfeitamente virtual a compatibilidade do seu ponto de vista com o que pode ser aproveitado dos demais focos de concentração civilizacional.

Com efeito, a vantagem discursiva deles é tão perfeita que se pode dizer (e eis aqui o ponto mais delicado e potencialmente suscitador da irritação alheia) que eles são o único foco de concentração civilizacional que parece estar virtualmente apto a disponibilizar a simultânea compreensão de si e dos demais focos. Isso só pode ser dito desse modo sintético, e deliberadamente vago, como um convite a que se o constate por própria conta e risco, a fim de poupar a essas teses alguma perda adicional de respeitabilidade.²⁰

O caráter que tem isso de presságio ou sinal guarda, por acaso, um fundo real? Esses focos de concentração civilizacional parecem guardar, latentes, a possibilidade da ascensão de um esoterismo cristão; mas apenas a título de mudo gesto e virtualidade; como uma planta com quatro ramos, crescida, é alusiva da semente em gestação²¹.

¹⁹ Não é minha intenção apresentar "exoterismo" como pejorativo (como pode ser visto em que essa dualidade "esotérico-exotérico" tem correspondência com "jaspe e sardônica").

²⁰ A presente situação de discurso torna impossível dizer muito sobre esses quatro focos de concentração civilizacional.

²¹ A semente subjacente na planta assinala que se trata de um "retorno", antes do que uma "busca"; como a mulher vestida do sol e exilada no deserto previamente dera à luz o "Rei dos reis", e assim se via nutrida da memória do haver guardado o

centro no próprio íntimo. Apocalipse 12:14: “E foi dado à mulher duas asas de uma grande águia [a águia sendo um simbolismo solar, como o “Rei dos reis”], para que ela pudesse voar ao deserto, a seu lugar, onde ela é nutrida por um tempo e tempos, e metade de um tempo, fora da face da serpente.”